

EMPSI - Empreendedorismo, startups e inovação

ECOSSISTEMA DE IMPACTO DE INCLUSÃO FINANCEIRA: UMA
COMPREENSÃO SOBRE A REDE DE APOIO DE NEGÓCIOS DE IMPACTO
SOCIAL FOCADOS NA INCLUSÃO FINANCEIRA

Resumo. Os Negócios de Impacto de Inclusão Financeira trabalham em conjunto com diversos atores que os apoiam em sua empreitada e formam, assim, o ecossistema de impacto de inclusão financeira, contribuindo para a geração de impacto. Pouco se conhece, no entanto, sobre os atores desse ecossistema, seu papel, formas de apoio e impacto diante da inclusão financeira. A partir de uma revisão sistemática da literatura, buscou-se levantar o que já se conhece sobre estes atores na academia. Nos estudos analisados, foram identificados 53 atores, que prestam apoio estratégico, operacional e regulatório, podendo executar mais de um tipo de apoio aos NISF. O suporte mais recorrentemente estudado na literatura é o aporte financeiro. Conhecimento específico sobre serviços financeiros é conveniente para melhor direcionamento dos negócios.

Palavras-chave: Ecossistemas de Impacto, Inclusão Financeira, Microfinanças.

Abstract. Financial Inclusion Social Businesses (or microfinance initiatives) work together with many different actors who support them across their business Journey and can also be known as Social Impact Ecosystem, aiming to increase impact. Little is known, however, over the financial inclusion ecosystem actors, their role, how they provide support and what impact they promote towards inclusion. A systematic review aimed to raise what is already known about those supporters. A total of 53 actors were identified as supporters in three fields: strategic advisory, operational and regulatory, sometimes providing more than only one type of support towards Microfinance Initiatives. Financial support is the most frequent support studied. Specific knowledge regarding financial services is convenient to provide more accurate strategic consulting.

1 Introdução

É sabido que a falta de acesso financeiro (AF) está diretamente conectada à desigualdade social (GLOUKOVIEZOFF, 2004). O acesso financeiro pode ser entendido como o ato de se obter acesso a serviços de poupança, movimentação de dinheiro e realização de pagamentos em troca de bens e serviços (BECK; DEMIRGUÇ-KUNT; HONOGAN, 2008) que, por sua vez, dão a possibilidade de se adquirir melhores padrões de qualidade de vida (MORENO, 2007). No entanto, esta não é a realidade de muitos: a falta destes serviços afeta aproximadamente 1,6 bilhão de pessoas ao redor do mundo (World Bank, 2022). Diante deste contexto, a inclusão financeira - ou o ato de obter acesso a serviços financeiros àqueles que não o tinham anteriormente (MORENO, 2007) – é vista como uma importante ferramenta para alcançar saúde, educação e erradicação da pobreza (UNSGSA, 2016).

No Brasil, a inclusão financeira é promovida por agentes autorizados pelo Banco Central do Brasil (BCB) a ofertarem tais serviços (BCB, 2022), entre eles, os Negócios de Impacto Social Financeiros, focados em Inclusão Financeira - ou NISFs, como serão abordados neste estudo. Os NISFs fazem parte de um grupo maior denominado Negócios de Impacto Social, que surgem de forma estruturada na década de 1970, por meio de são instituições híbridas cujo propósito é resolver um problema social, ao passo que obtém lucro e se estruturam com o viés de um negócio rentável (DACIN; DACIN; MATEAR, 2010). Estas organizações também são reconhecidas na literatura como micro finanças e estão em expansão (CULL; DERMIGUÇ-KUNT; MORDUCH, 2009). Em território brasileiro, representam 15% das iniciativas, dentro do universo total de negócios de impacto (PIPE Social, 2021).

Os NISFs não são os únicos que atuam pela inclusão financeira. Atores de suporte públicos e privados em nível local exercem influência direta ou indireta sobre a atuação destes NISFs, e esta rede compõe os chamados Ecossistemas de Impacto Social (EIS) (PEL, 2018). Tais ecossistemas podem ser altamente fragmentados (PUHAZHENDHI, 2013), complexos e seu formato varia a cada região (DOMANSKY, 2018). A presente literatura constatou que há forte interdependência e geração de valor entre os NISFs e os atores de seu ecossistema, pois a construção das iniciativas é feita em conjunto, possibilitando uma troca rica de experiência e aprendizados, bem como superação de desafios (ADNER; KAPOOR, 2010; FRELS; SHERVANI; SRIVASTAVA, 2003). Os Ecossistemas de Inovação Social focados na Inclusão Financeira podem atuar com finanças sociais - englobando atividades de investimento em comunidades, títulos de investimento de impacto, empréstimos para negócios sociais - ou diretamente com micro finanças – onde focam em criar e administrar soluções que promovam inclusão financeira (PURKAYASTHA; TRIPATHY; DAS, 2014). Consumidores do produto microcrédito, instituições de micro finanças de pequena escala e grande escala e instituições financeiras são os principais atores mapeados pela literatura e, quando existe apoio e divisão de papéis entre eles, há maior chance de geração de valor e impacto (ARMSTRONG; AHSAN; SUNDARAMURTHY, 2018).

Estudos no meio identificaram diversas dificuldades enfrentadas pelos NISF, como altos custos operacionais decorrentes das transações com baixo valor (CULL; DERMIGUÇ-KUNT; MORDUCH, 2009) e desafios de compromisso com a missão social (BAYAR, 2013), uma vez que têm que lidar com a tensão entre atender a população vulnerável e obter lucro (GUTIÉRREZ-NIETO; SERRANO-CINCA, 2019). Há uma

alta demanda de acesso a crédito por esta população que ainda não é atendida pelos negócios atuais (BAYAR, 2013). Reforça-se a importância do apoio de seu ecossistema para a superação destes problemas e ampliação do impacto dos NISFs para a inclusão financeira (ADNER; KAPOOR, 2010; FRELS; SHERVANI; SRIVASTAVA, 2003).

Porém, seu ecossistema permanece incompreendido no que se relaciona às estratégias de apoio, impacto e atuação dos atores dos EIS de micro finanças e finanças sociais (PURKAYASTHA; TRIPATHY; DAS, 2014), além de ainda haver questões em aberto sobre como geram valor e qual a influência que exercem sobre o local onde atuam (ANDION; ALPERSTEDT; GRAEFF, 2020).

Com base nas lacunas identificadas, este artigo se propõe a reunir os principais achados na literatura acerca do EIS de Inclusão Financeira, no que tange identificar, em primeiro lugar, quais são as iniciativas de NISF existentes e, em seguida, quem são os atores diretamente relacionados a estes NISF, qual é seu papel de apoio, suas características e sua contribuição de impacto diante da inclusão financeira.

Este artigo traz duas principais contribuições: compilar os achados, de maneira sistemática, para que demais pesquisadores e pesquisadoras possam utilizá-lo como ponto de partida para investigar o tema; e trazer visibilidade ao EIS de NISFs, a fim de que os NISFs consigam superar os desafios mapeados e causem maior impacto.

2 Metodologia

Esta pesquisa optou por utilizar a Revisão Sistemática da Literatura (RSL) como procedimento metodológico, seguindo as etapas de planejamento, condução e disseminação (TRANFIELD; DENYER; SMART, 2003) e os parâmetros determinados pelo Protocolo de Principais Itens para Relatar em Revisões Sistemáticas e Meta-Análises (PRISMA), tradução livre de *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA, 2022).

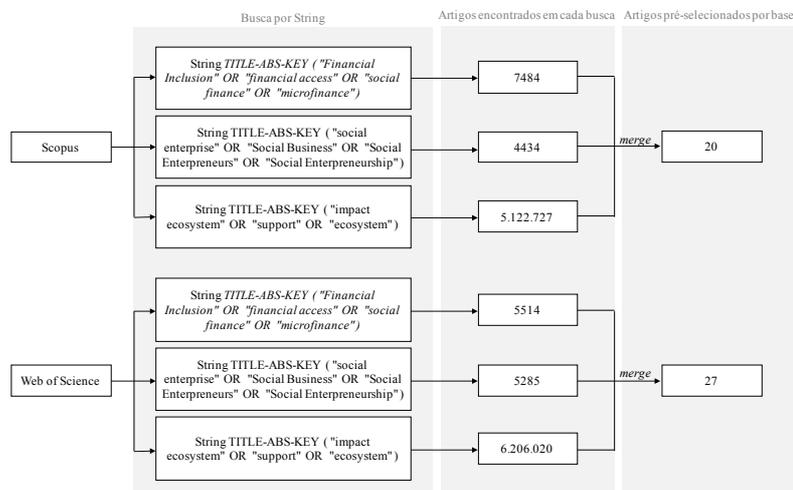
2.1 Planejamento da Revisão Sistemática

Seguindo as etapas propostas pela RSL (TRANFIELD; DENYER; SMART, 2003), esta revisão teve como objetivo compilar o que autores acadêmicos já mapearam sobre o EIS focados em inclusão financeira. Duas perguntas chave guiaram a revisão: (P1) quem são os NIS Financeiros e seus atores de apoio dentro dos EIS de micro finanças e finanças sociais e (P2) o que se sabe sobre o tipo de apoio prestado, as características e o impacto dos EIS de finanças sociais e de micro finanças aos NISF?

Para respondê-las, o processo para levantar artigos começou em identificar palavras-chave, definir bases de dado e estabelecer critérios de seleção dos artigos (TRANFIELD; DENYER; SMART, 2003; PRISMA, 2022). As palavras-chave relacionadas à inclusão financeira foram "*financial inclusion*", "*financial access*", "*social finance*", "*microfinance*"; para "negócios de impacto", foram listadas as expressões "*social enterprise*", "*social business*" e "*social entrepreneurs*"; e como sinônimo de ecossistema, encontrou-se "*impact ecosystem*" e "*support*". A busca foi feita em inglês para maior abrangência, pois a maior parte das publicações nas bases de dados é neste idioma.

Selecionou-se duas bases de dados para busca de artigos: Web of Science, por ser o mais antigo indexador de citações (GARFIELD, 1964), ter uma ampla quantidade de pesquisas em empreendedorismo social (ISKANDAR, 2021), com mais de 2.200 revistas científicas cadastradas (BIRKLE et al, 2020); e Scopus, pela ampla lista de artigos e por ser a base com a maior quantidade de dados de qualidade suficiente (STAHLSCHEMIDT; STEPHEN, 2020). Para cada uma das bases, foram aplicadas as *strings* apontadas na figura 1. A busca, realizada em outubro de 2021, retornou os resultados também detalhados na figura abaixo, restando 47 estudos pré-selecionados.

Figura 1. Decaimento dos artigos pré-selecionados.



Do total de 47 estudos, foram excluídas as publicações repetidas entre as bases e as que não estavam disponíveis na íntegra. Em seguida, foram aplicados os filtros de idioma e de correlação direta com o tema a partir da análise de Título, resumo e palavras-chave, seguindo o Protocolo PRISMA (PRISMA, 2022). Restaram 26 publicações para a Revisão Sistemática.

A seguir, foram escolhidas duas óticas de análise das publicações. A primeira visou caracterizá-las a partir de 7 critérios: i. o total de autores e os repetidos; ii. os autores mais citados; iii. os idiomas da amostra; iv. as principais revistas científicas; v. o padrão de formato das publicações; vi. os principais países de publicação; e vii. a distribuição de estudos no tempo. A segunda buscou analisar o conteúdo tendo como base referências na literatura acerca dos negócios de impacto, inclusão financeira e seus EIS. Uma parte destas referências fazia análises semelhantes, porém sem o foco da inclusão financeira; também foram encontrados estudos que definiram e/ou levantaram características sobre estes temas; e outros que estudaram os temas com o foco financeiro, e deixaram questões e sugestões de avanço nestes estudos. O resultado desta análise prévia instigou o interesse pelas categorias destacadas no quadro abaixo, cada qual com seu referencial exposto. Buscando responder ao objetivo inicial deste artigo, estas categorias visaram: identificar quais são as iniciativas de NISF (O1); levantar quais são os atores do EIS, suas características e tipo de apoio (O12); e entender o impacto deste EIS (O3).

Quadro 2. Categorias de análise da RSL e sua operacionalização.

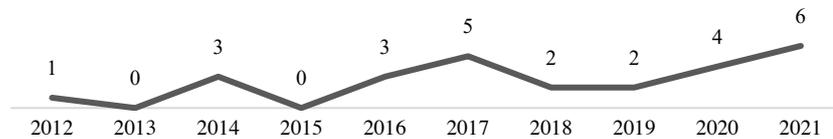
Objetivo	Categorias	Referência utilizada para escolha da categoria
O1	Iniciativas de NISF citadas	O futuro das micro finanças aguarda movimento de novos produtos financeiros voltados para a inclusão, bem como melhores formas de reduzir riscos (CULL; DERMIGUÇ-KUNT; MORDUCH, 2009). Pretende-se entender se de fato foram criadas novas soluções e como elas ajudam a reduzir o risco das operações.
O2	Atores de apoio do ecossistema dos NIS Financeiros citados.	Foram levantados quatro grupos de agentes dentro do EIS de NISF: tomadores, NISF de pequena escala e maior escala e instituições financeiras (ARMSTRONG; AHSAN; SUNDARAMURTHY, 2018). Pretende-se entender se há mais atores dentro deste ecossistema.
O2	Tipos de apoio aos NIS Financeiros citados	Há duas tendências de apoio a NIS: parcerias intersetoriais e investimento financeiro em estágio inicial do NIS MATHIAS; SANTOS, 2019). Pretende-se entender se elas se repetem para os NISF e se existem outras iniciativas de apoio.
O2	Características positivas e negativas do ecossistema de NISF	Pretende-se encontrar características diferentes daquelas já mapeadas na literatura (DACIN; MATEAR, 2010).
O3	Impactos dos ecossistemas NISF	Esta categoria visa responder se há grandes benefícios em subsidiar os custos das operações de micro finanças (CULL; DERMIGUÇ-KUNT; MORDUCH, 2009).

3 Resultados da Revisão Sistemática da Literatura

3.1 Apresentação dos dados e caracterização dos estudos encontrados na busca

Em relação ao período de publicação destes artigos, nenhum filtro de tempo foi aplicado para se obter a maior quantidade de publicações. Nota-se que as publicações datam a partir de 2012, com maior incidência de produções em 2017, 2020 e 2021.

Gráfico 1. Distribuição das publicações ao decorrer dos anos.



As 26 publicações selecionadas estão apresentadas na tabela abaixo e, inicialmente, foram analisadas sob a ótica dos critérios de caracterização. Adicionou-se a análise a relevância da revista, determinada a partir de algumas métricas estabelecidas pelo *Institute for Scientific Research* (ISI), dentre elas, o fator de impacto, relação entre o número de citações feitas naquele ano, os itens publicados na mesma revista científica nos últimos dois anos e o número de artigos publicados nos mesmos dois anos pelo mesmo periódico – quanto maior o fator de impacto, mais bem classificada a revista é (JOURNAL of citation reports, 1998).

Quadro 3. Referências selecionadas para Revisão Sistemática, Indicador de Citação e Fator de Impacto: Índice JCR (2021)

# Publicação	Referência	Formato da publicação	Indicador Citação INDEX JCR (2021)	Fator de impacto INDEX JCR (2021)
WS01	Purkayastha et al., 2020 [30]	RC	0.51	-
WS02	Wry & Zhao, 2018 [31]	RC	1.21	5152a
WS03	Labie et al., 2017 [32]	RC	0.50	-
WS05	Cozarenco et al., 2016 [33]	RC	0.69	1469a
WS06	Jia, 2020 [34]	RC	1.76	4.908a
WS07	D'Espallier et al., 2017 [35]	RC	2.13	6678a
WS08	Ngoasong & Kimbu, 2016 [36]	RC	03.03	12.879a
WS09	Agrawal & Hockerts, 2019 [37]	RC	0.64	3.889a
WS10	Yasar, 2021 [38]	RC	0.08	-
WS11	Fauziah, 2021 [39]	RC	0.13	-
WS12	Garikipati et al., 2017 [40]	RC	0.82	2.519a
WS13	Magomedova. et al., 2020 [41]	RC	0.47	-
WS14	Sonne, 2012 [42]	RC	2.41	10.884a
WS18	Ridley-Duff & Bull, 2021 [43]	RC	2.23	10801a
WS19	Cozarenco & Szafarz, 2018 [44]	RC	1.92	6331a
WS20	Murtagh, 2017 [45]	RC	0.51	-
WS21	Dorado et al., 2021 [46]	RC	1.92	6331a
WS22	Elango et al., 2019 [47]	RC	0.37	-
WS23	Mishra, 2021 [48]	RC	0.72	-
WS24	Abate et al., 2016 [49]	RC	2.13	6678a
SC01	Singh et al., 2021 [50]	RC	N/E	N/E
SC02	Pavlov, 2020 [51]	C	N/A	N/A
SC06	Mehra et al., 2017 [52]	C	N/A	N/A
SC08	Siqueira et al., 2014a [53]	L	N/A	N/A
SC09	Siqueira et al., 2014b [54]	RC	0.72	-

SC11	Loeffler, 2014 [55]	L	N/E	N/E
------	---------------------	---	-----	-----

Fonte: composto pelo autor.

Legenda: Web of Science (WS); Scopus (SC); Artigo em Revista Científica (RC); Artigo em Conferência (C); Livro (L); Não se aplica (N/A); Não encontrado (N/E).

Ao analisar a lista, o número total de autores é de 66, sendo que 3 deles se repetem em dois artigos: trata-se de Siqueira et al. (2014a, b), notando-se uma colaboração dos três autores em ambas as publicações. No critério de autores mais citados foram Mishra (2021), com 129 citações no artigo; Ridley-Duff & Bull, 2021 com 124 citações; Wry & Zhao (2018), com 113 citações; e Dorado et al. (2021), com 106 citações.

No quesito de idioma das publicações 25 delas foram feitas em inglês e apenas 1 em espanhol.

Em relação às revistas de publicação, observou-se que todas permeiam a macroárea de administração e três delas se repetem: *Journal of Business Ethics*, *Social Enterprise Journal* e *World Development*, cada qual com 2 publicações.

Quanto ao formato da publicação foram observados três formatos, com 84,62% das publicações em formato de artigo em revista científica, 7,69% como capítulo de livro e 7,69% como publicações oriundas de conferências.

Quanto à localização das publicações, as publicações são provenientes de 9 países, sendo a Inglaterra o país mais relevante dentro da amostra com 10 publicações. A seguir, 4 publicações são da Holanda, 3 dos Estados Unidos; na sequência, Suíça, Turquia e Índia possuem 2 publicações cada e, por fim, Espanha, Rússia e Alemanha, cada qual com 1 publicação.

3.2 Análise das publicações de acordo com as categorias

Iniciativas de NISF citadas. Entre os 26 artigos selecionados na amostra, encontrou-se 8 iniciativas de Negócios de Impacto Financeiro: microcrédito (LABIE et al., 2017; COZARENCO & SZAFARZ, 2018; ABATE et al., 2016; MEHRA et al., 2017), poupança social voluntária (COZARENCO et al., 2016), microsseguro (ELANGO et al., 2019), plataformas de *crowdfunding* (RIDLEY-DUFF & BULL, 2021), proposta de renda para idosos a partir de horas flexíveis de trabalho (MURTAGH, 2017), bancos sociais (DORADO et al., 2021), bancos comunitários (SIQUEIRA et al., 2014a, SIQUEIRA et al., 2014b) e iniciativas de treinamento e inclusão financeira para mulheres empreendedoras (MISHRA, 2021). Contas de saldo zero, bancos digitais (sem agências ou pontos físicos de atendimento, dinheiro móvel (*mobile money*) e educação financeira (MEHRA et al., 2017) também aparecem nas publicações, mas não como objeto principal do artigo, e sim como um referencial teórico.

Atores do ecossistema dos NIS Financeiros citados e Tipos de iniciativas de apoio aos NISF. Este tópico visou mapear quem são os atores do ecossistema, relacionando-lhes ao tipo de iniciativa de apoio prestado aos NISF. As publicações citam ao total 53 atores diferentes, que executam os mais variados papéis dentro do ecossistema de impacto financeiro. Algumas publicações chegam a citar os mesmos autores, porém relatando apoios diferentes. Foi possível observar que essa diferença de apoio entre os mesmos atores pode variar de acordo com o tipo de iniciativa de NISF – por exemplo, iniciativas de microsseguradoras possuem necessidades de negócio diferentes de uma iniciativa de Banco Social.

Devido à quantidade de variações, optou-se por eleger uma única perspectiva para agrupar os achados, sendo ela o tipo de ator citado – indo ao encontro do objetivo de categorizar os Atores do Ecossistema (ARMSTRONG; AHSAN; SUNDARAMURTHY, 2018). Na sequência, associa-se os tipos de atores ao apoio prestado ao NISF.

Na esfera governamental, são encontrados atores como governo local, órgãos reguladores e agências governamentais, que atuam com criação de leis e políticas (PURKAYASTHA; TRIPATHY; DAS, 2020); regulação e auditoria (PURKAYASTHA; TRIPATHY; DAS, 2020); provisão de recursos financeiros (AGRAWAL & HOCKERTS, 2019); criação de programa público especial de auxílio ao empreendedor (MISHRA, 2021); criação de plano integrado de desenvolvimento junto com NISF (SIQUEIRA et al., 2014a) e criação de políticas públicas que auxiliam a execução e regulamentação das iniciativas (SIQUEIRA et al., 2014a). Agências e Bancos Governamentais também executam de papel de fornecedores de recursos financeiros, conhecimento financeiro e treinamentos de administração relacionada à esfera de serviços financeiros (SIQUEIRA et al., 2014b).

Outro grupo de atores identificado foram as consultorias, que aparecem em três variações: as consultorias privadas ou agências de avaliação, que apoiam os NISFs com orientações gerais sobre administração do negócio e alocação de recursos (MURTAGH, 2017); as consultorias que dão orientação para um tipo de serviço específico, como o de voluntariado, conectando pessoas e o NISF em prol da execução do projeto elaborado por este segundo (MURTAGH, 2017); e as de pesquisa, que realiza estudos e levantamento de necessidades dos beneficiários dos NISF, em prol de orientar os NISF com informações coletadas que os ajudem a adaptar seus negócios (SIQUEIRA et al., 2014a).

Sete publicações mencionaram investidores. Este grupo apareceu sob diversos formatos: fundos de investimento, investidores-semente, donos ou administradores de fundos, gestores ou consultores de patrimônio financeiro, investidores privados, institucionais ou filantrópicos, escritórios familiares que investem em negócios de impacto, bolsas de valores sociais e *traders* destas bolsas, investidores-sócios dos NISF e empresas de *venture capital*. O ponto em comum entre todos eles é que executam o papel de providenciar recursos financeiros aos NISF (PURKAYASTHA et al., 2020, AGRAWAL & HOCKERTS, 2019; YASAR, 2021; MAGOMEDOVA. et al., 2020; SONNE, 2012; MURTAGH, 2017; SIQUEIRA et al., 2014a). Duas variáveis podem diferenciar o tipo de apoio deste grupo: o comprometimento do ator para com o NISF; e o momento de aporte de dinheiro no ciclo de vida do NISF. Sob a ótica destas duas variáveis, o responsável por providenciar um aporte inicial de recurso financeiro para o começo e o desenvolvimento iniciativas de NISF é denominado como investidor-semente (MURTAGH, 2017; SIQUEIRA et al., 2014a). A literatura também cita, diante destas duas variáveis, investidores que promovem financiamento sem vínculo ativo no NIS, mas visando maximizar sua rentabilidade - possuem visão de curto prazo e buscam retorno rápido, sem interesse na criação de impacto social, no caso dos *traders* (MAGOMEDOVA. et al., 2020); e investidores que tem visão de longo prazo e estão interessados no êxito do NISF, no caso dos investidores-sócios (MAGOMEDOVA. et al., 2020). *Trusts* de caridade e fundações também foram classificados em um dos estudos com o nome de investidores, porém sem objetivo de retorno do investimento (YASAR, 2021).

Quatro artigos exploram as fundações, que aparecem sob duas variações: fundações privadas associadas a empresas ou a pessoas físicas. Como mencionado, estes também têm o papel de aporte de recurso financeiro, mas de maneira filantrópica (PURKAYASTHA et al., 2020; AGRAWAL & HOCKERTS, 2019; YASAR, 2021, ELANGO et al., 2019).

Ainda com a função de provisão de recursos financeiros, outro grupo mencionado são os bancos privados, globais ou locais [YASAR, 2021, PURKAYASTHA et al., 2020]. Sua diferença deste grupo para os investidores e fundações está no tipo da relação para com o NISF e no formato do recurso: os bancos oferecem o dinheiro como um serviço de empréstimo sob a cobrança de juros mensais aos NISFs.

Os artigos também citam bancos de desenvolvimento, internacionais ou locais como mais um grupo de atores. Estes bancos viabilizam recursos financeiros também em formato de empréstimo, mas diferentemente dos privados, os bancos de desenvolvimento existem com a pura função de fomentar negócios e, a partir disso, desenvolver economias (PURKAYASTHA et al., 2020, MISHRA, 2021]. Por isso foram classificados como um grupo separado nesta revisão.

Outro grupo, citado por dois artigos, são as iniciativas de *crowdfunding* ou *crowdlending* (YASAR, 2021; RIDLEY-DUFF & BULL, 2021). Classificados pela literatura como apoiadores, trata-se de plataformas de arrecadação coletiva (YASAR, 2021) e que providenciam a conexão entre apoiadores com pequenos empreendedores, no intuito de que estes segundos arrecadem verba para executar seus projetos. Uma característica interessante deste grupo de atores é a possibilidade de que o NISF participe de duas formas dentro da plataforma: como beneficiários dos recursos, cadastrando seu projeto de inclusão financeira em busca de apoio financeiro; mas, quando se trata de NISFs de microcrédito, eles podem participar como apoiadores dentro da plataforma, ao oferecerem o crédito a empreendedores de quaisquer formatos que cadastram seus projetos na plataforma.

Mais um grupo mencionado foi o das Organizações Não Governamentais (ONG), que apoiam em vários sentidos (YASAR, 2021), mas principalmente no de doação de verba (SIQUEIRA et al., 2014a, SIQUEIRA et al., 2014b). As ONGs podem desenvolver projetos de apoio específicos – um dos artigos citou que a ONG auxiliou o NISF a encontrar alternativas de incentivar a produção e consumo local (YASAR, 2021); ou focar seu apoio em um NISF específico – outro artigo menciona doação de recursos financeiros especificamente para microseguradoras (ELANGO et al., 2019).

Duas publicações apontaram redes de contato como agentes diretamente relacionados aos NISF (PURKAYASTHA et al., 2020; MISHRA, 2021). A rede de mulheres empreendedoras foi trazida como exemplo, em que as elas se apoiaram para que projeto de microcrédito para este público pudesse ser rapidamente adaptado devido às adversidades enfrentadas pela pandemia (MISHRA, 2021).

Também foram citados pontualmente atores que não se enquadram em nenhum dos agrupamentos acima, mas que também são destacados como provedores de algum tipo de apoio aos NISF. São eles: incubadoras, que apoiam os NISF com o desenvolvimento estratégico do negócio (SONNE, 2012); instituições de pesquisa, que auxiliam com fornecimento de informações para o NISF (MURTAGH, 2017); centros universitários, unidades de avaliação dentro de universidades, contribuem com pesquisas para os NISF (MURTAGH, 2017); agentes de crédito, cargo vinculado aos NISFs que cedem microcrédito, que são essenciais no modelo de crédito de

relacionamento (DORADO et al., 2021); cooperativas de microsseguros, que doam recursos para este tipo particular de NISF (ELANGO et al., 2019); resseguradoras, que dividem o risco financeiro do NISF que opera especificamente com microsseguros (ELANGO et al., 2019); doadores individuais, pessoas físicas que aportam recursos financeiros para ONGs relacionadas a NISFs (MISHRA, 2021); grupos de autoajuda, que apareceram especificamente para o NISF de Microcrédito para mulheres empreendedoras (MISHRA, 2021), oferecendo apoio psicológico em grupo; instituições focadas no desenvolvimento do Microcrédito, oferecendo apoio financeiro para desenvolvimento dos NISFs de microcrédito, como a *Community Development Financial Institution* (PAVLOV, 2020); Igreja Católica, que apareceu como criadora do Banco Palmas, NISF de Banco Social (SIQUEIRA et al., 2014a); Instituições de cooperação internacional, com apoio financeiro público por meio de programas que pagam despesas de NISFs – como exemplo, aparece a *United Nations Development Program* (SIQUEIRA et al., 2014a); fornecedoras de infraestrutura - como exemplo, são citadas empresas de telecomunicações que forneceram a infraestrutura tecnológica para a geração de uma moeda social (SIQUEIRA et al., 2014b); bancos públicos, que são citados com o apoio específico de fornecedores de agente comunitário para apoio ao trabalho do NISF (Banco Social) na região em que atua (SIQUEIRA et al., 2014b); e, por fim, adquirentes, que fornecem um meio de pagamento eletrônico para atuação do NISF em formato de Banco Social (SIQUEIRA et al., 2014b). Instituições culturais, facilitadores, provedores de recursos, expectadores, instituições multilaterais e cidadãos também foram citados (PURKAYASTHA; TRIPATHY; DAS, 2020), mas não houve explicação clara sobre o tipo de apoio providenciado. Apenas foram indicados como agentes diretamente relacionados aos NISF. Por fim, também foram citados como parte do ecossistema de NISF os consumidores (PURKAYASTHA et al., 2020; SIQUEIRA et al., 2014b) e as próprias iniciativas de NISF (PURKAYASTHA et al., 2020, SIQUEIRA et al., 2014b; MURTAGH, 2017; YASAR, 2021). Neste caso, os primeiros se encaixam como beneficiários e os segundos, como os executores que recebem o apoio dos demais agentes mencionados acima.

São citados elementos que estão presentes no ecossistema e com os quais os agentes lidam, mas que não se constituem em atores: leis e políticas públicas, normas sociais, tendências demográficas e instituições culturais (PURKAYASTHA; TRIPATHY; DAS, 2020). Os autores reforçam, a partir de um referencial citado, que políticas públicas, governantes políticos, mídia e condições econômicas e sociais são essenciais para que os NISFs consigam se desenvolver e obter sucesso (PURKAYASTHA; TRIPATHY; DAS, 2020).

Características positivas e negativas do ecossistema de NISF. As publicações trazem características do ecossistema tanto nas conclusões dos autores quanto no levantamento de referencial teórico dos estudos. Como características gerais, os ecossistemas de NIS mostram tipicamente interdependência e colaboração entre as empresas (SIQUEIRA et al., 2014a), e podem apresentar ênfase em inovação e criação de valor (SIQUEIRA et al., 2014a). No que tange o ecossistema focado no Impacto Financeiro, raízes culturais do problema a ser atacado, as condições do mercado e a qualidade da administração do NISF influenciam diretamente nas trocas entre os atores (WRY; ZHAO, 2018). Em geral, os produtos de micro finanças são padronizados e rígidos, para que se tenha controle do custo operacional e da disciplina de

pagamento dos clientes, mas sabe-se que esta é uma característica negativa uma vez que se tem constatado que é preciso flexibilidade para melhor atender às necessidades deles (LABIE et al., 2017).

Notou-se que o maior foco de estudo das publicações foi relacionado a caracterizar a captação de recursos financeiros, especialmente na relação investidor-NISF. O foco na missão social do NISF (AGRAWAL & HOCKERTS, 2019, ELANGO et al., 2019], a dupla diligência (estudo de oportunidade do investimento), o conhecimento especializado no negócio – por ambas as partes - no setor, a escalabilidade, a capacidade de medir os indicadores sociais de impacto e a boa comunicação entre as partes são fatores que influenciam diretamente na relação entre o NISF e o investidor e, por consequência, a decisão por investir (AGRAWAL & HOCKERTS, 2019), pois são fatores que reduzem o risco do investimento e ajudam o investidor a planejar o retorno esperado. Foi citado o microcrédito como exemplo de um modelo que é altamente conhecido e torna a operação mais fácil e previsível (AGRAWAL & HOCKERTS, 2019).

Duas características negativas levantadas na relação NISF-investidor é o alinhamento de expectativa e a linha tênue entre objetivos comerciais e sociais do negócio, o que podem causar tensões entre as partes e a saída do investidor deste negócio (AGRAWAL & HOCKERTS, 2019). A experiência com a gestão do investimento (MAGOMEDOVA. et al., 2020) e a atuação do investidor em áreas ou negócios similares, com experiência prévia e rede de contato (SONNE, 2012), são fatores que influenciam o sucesso deste aporte. Em geral investidores não estão acostumados com a dinâmica de empresas sociais (MAGOMEDOVA. et al., 2020), mas quando os doadores ou investidores estão próximos e envolvidos com o negócio social, é maior seu comprometimento para com este (ELANGO et al., 2019). Mencionou-se também que a localização geográfica do NIS e do investidor pode facilitar a dinâmica (SONNE, 2012). De maneira geral, o investimento tem maiores chances de sucesso se os atores do ecossistema trabalharem em torno destas barreiras (YASAR, 2021). Outro problema mapeado entre o ecossistema é a falta de cooperação econômica e política, o que influencia na capacidade de impactarem positivamente em questões sociais (MURTAGH, 2017).

Algumas publicações estudaram ecossistemas de países específicos, como Índia e China. Na Índia, o ecossistema é complexo, dinâmico, passível de mudança de acordo com novos entrantes, e a participação de forma local e com atores pequenos, mas com a possibilidade de se conectarem com sistemas maiores (PURKAYASTHA; TRIPATHY; DAS, 2020). Seus atores contribuem de diversas formas: investimento financeiro, facilitação, securitização, intermediação e provisão de infraestrutura (PURKAYASTHA; TRIPATHY; DAS, 2020). No país, algumas ONGs evoluíram para NISFs diante da demanda por inclusão financeira (PURKAYASTHA; TRIPATHY; DAS, 2020). Já na China, o ecossistema possui abundância de mão de obra barata, alto nível de investimento público e infraestrutura robusta, o que propicia seu crescimento. No ambiente regulatório, não há um *framework* que regula especificamente ONGs e negócios sociais. Este cenário regulatório nebuloso e muito descentralizado faz com que empresas sociais busquem alternativas para explicitar sua organização contábil, construir uma boa reputação e obter captação de recursos (JIA, 2020).

Apesar dos mapeamentos, os autores concluem que é necessária mais pesquisa acadêmica em relação aos ecossistemas de impacto de NISF, em especial no que tange o campo de investimento financeiro (YASAR, 2021).

Impactos dos ecossistemas NISF. A atuação dos ecossistemas traz uma série de impactos positivos. Ao conseguirem investimento, os NIS conseguem expandir seu negócio e atrair mais investimento financeiro, além de obter desenvolvimento do negócio e aumento da rede de contato, gerando diretamente um aumento nas vendas potenciais e em seu lucro. Apoio em forma de suporte e treinamento na administração do negócio, seja na análise de custo-benefício, na estrutura organizacional ou na estratégia, muitas vezes oferecido prestado pelo venture capital, também contribui para aumentar a eficiência do NIS. Investidores, como é o caso de venture capital, também exercem um auxílio essencial na organização contábil do NIS, ao adotar regras, o que também gera transparência e eficiência e atrai mais investidores e recursos financeiros àquele NIS. Também há um impacto notável na capacidade planejamento futuro do negócio (SONNE, 2012).

Também é notório que as empresas sociais e os investidores de impacto têm um papel essencial na economia de um país, o que é um fator relevante para que acadêmicos os estudem cada vez mais (MAGOMEDOVA. et al., 2020).

A influência no ambiente regulatório também é importante impacto causado pelo ecossistema. Especificamente para o Microcrédito na França, por exemplo, a regulação benigna e elaborada deste produto traz um forte impacto para alocação justa de crédito, o que gera impacto, por exemplo, para mulheres empreendedoras, que em geral sofrem com diversas barreiras (COZARENCO & SZAFARZ, 2018).

De maneira geral, os ecossistemas de NISF e, em especial, a atuação destes negócios, causam um forte impacto positivo no combate à pobreza (RIDLEY-DUFF & BULL, 2021). O investimento em NISFs de microcrédito não só ajudam na causa da pobreza, aumentando o acesso a melhores produtos e serviços financeiros (PURKAYASTHA; TRIPATHY; DAS, 2020), como também moderam os efeitos de risco e eficiência daquela operação (WRY; ZHAO, 2018).

4 Conclusões

Visando o levantar os principais achados sobre os Ecossistema de Negócios de Impacto Social de Inclusão Financeira, o presente estudo encontrou alguns padrões na literatura relacionada quais iniciativas de NISF existem, quem são os atores diretamente relacionados a estes NISF, qual é seu papel de apoio estes atores executam, quais são suas principais características e que impacto promovem.

Sob a ótica da caracterização da amostra, foi possível identificar autores-referência na temática cujas produções podem ser pontos de partida para novas revisões sobre o tema. O aumento de publicações ao longo do tempo indica maior interesse da academia em investigar os ecossistemas de NISF. As revistas *Journal of Business Ethics*, *Social Enterprise Journal* e *World Development* tiveram um maior interesse pela temática, indicando que talvez sejam fontes importantes para pesquisas e publicações sobre NISFs e seus ecossistemas. A Inglaterra se apresenta como um pólo de estudo importante, uma vez que um percentual relevante da amostra de publicações se fez neste país e podendo ser encarado como uma referência em evolução científica sobre os ecossistemas de impacto financeiros. Todos estes pontos são indícios para que pesquisadores do tema possam ter um norte em sua busca por maior volume de achados.

Focando no conteúdo dos estudos, existem diversos agentes e formatos de apoio em diferentes esferas, sendo que um ator pode executar mais de um apoio diferente. Na esfera estratégica, há apoio com tomada de decisão, conhecimentos específicos financeiros, pesquisa de necessidades relacionadas à inclusão financeira e, principalmente, aporte de dinheiro, tanto em estágio inicial quanto mais avançado, para que os NISFs arquem com custos de sessão de crédito a preços menores, geração de renda, proteção a partir de microsseguros, entre outras iniciativas que permitam que a população excluída tenha acesso aos serviços financeiros; na operacional, o apoio é focado na execução do trabalho dos NISF, como voluntariado, recursos humanos, especializados ou não em finanças, fornecimento de infraestrutura e apoio com recursos financeiros para custear as operações. Na regulatória, os apoiadores públicos apoiam com a confecção de leis que abrem espaço e facilitam a operação dos NISF, e há o caminho inverso, em que NISF influenciam governos para tal. Em todos os âmbitos, notou-se vantajoso que os apoiadores tenham conhecimentos específicos sobre o negócio de serviços financeiros e infraestrutura relacionada para nortear melhor os NISF, mas não é uma regra.

Levantou-se a confirmação de que o ecossistema de NISF possui, de fato, grande impacto no combate à pobreza e acesso a serviços financeiros, bem como auxilia os NISFs a reduzirem seu risco e aumentarem sua eficiência. Importante mencionar que o ecossistema também contribui, no aparato regulatório, para a alocação justa dos recursos e esforços à inclusão financeira.

Espera-se que o presente artigo possa servir como um guia para apoiadores deste ecossistema tenham mais assertividade em sua prestação de apoio, seja ela estratégica, operacional ou regulatória, a partir das conclusões já tiradas pela literatura analisada.

Referências

1. GLOUKOVIEZOFF, G. De la bancarisation de masse, à l'exclusion bancaire puis sociale. **Revue Française des Affaires Sociales**, n. 3, p. 11–38. 2004.
2. BECK, T.; DEMIRGUÇ-KUNT, A.; HONOGAN, P. Access to Financial Services: Measurement, Impact and Policies. **The World Bank Research Observer**. v. 24, n.1, p. 119-145. 2008.
3. MORENO, L. Oferecendo Serviços Financeiros à População de Baixa Renda da América Latina. **The MCKinsey Quarterly**, Edição Especial. 2007.
4. World Bank. **Homepage**. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/topic/financialinclusion/brief/achieving-universal-financial-access-by-2020>. Acesso em: 20 jun. 2022.
5. UNSGSA - United Nations Secretary-Generals Special Advocate for Inclusive Finance for Development. **Annual Report to the Secretary-General**. Set. 2016.
6. Banco Central do Brasil. **Sistema Financeiro Nacional**, homepage. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/estabilidadefinanceira/sfn>. Acesso em: 20 jun 2022.
7. DACIN, P.; DACIN, T.; MATEAR, M.: Social Entrepreneurship: why we don't need a new theory and how we move forward from here. **Academy of management perspectives**, v.24, n.3, p.37-57. 2010.
8. CULL, R.; DERMIGUÇ-KUNT, A.; MORDUCH, J.: Microfinance meets the market. **Journal of Economic Perspectives**, v.23, n.1, p.167-192. 2009.

9. PIPE Social: 3º Mapa de Negócios de Impacto: Relatório Nacional. 2021.
10. PEL, B.; *et al.* Unpacking the social innovation ecosystem: a typology of empowering network constellations. Trabalho apresentado no Annals of the 10th **International Social Innovation Research Conference (ISIRC)**. Heidelberg, Alemanha. 2018.
11. PUHAZHENDHI, V. Microfinance India: State of the Sector Report 2012, **SAGE Publications**. India: 2013.
12. DOMANSKY, D. Developing regional social innovation ecosystems. **ISR-Forschungsberichte**, v.47, p.117-128. 2018.
13. ADNER, R.; KAPOOR, R. Value creation in innovation ecosystems: how the structure of technological interdependence affects firm performance in new technology generations. **Strategic Management Journal**, v. 31, n. 3, p. 306–333, mar. 2010.
14. FRELS, J. K.; SHERVANI, T.; SRIVASTAVA, R. K. The Integrated Networks Model: Explaining Resource Allocations in Network Markets. **Journal of Marketing**, v. 67, n. 1, p. 29–45, jan. 2003.
15. PURKAYASTHA, D., TRIPATHY, T.; DAS, B. The impact of regulations on microfinance industry: a strategic perspective. **IUP Journal of Business Strategy**, v. 1, n. 3, p. 24-40. 2014.
16. ARMSTRONG, K.; AHSAN, M.; SUNDARAMURTHY, C. Microfinance ecosystem: How connectors, interactors, and institutionalizers co-create value. **Business Horizons**, v. 61, n. 1, p. 147–155, jan. 2018.
17. BAYAR, Y. Future of microfinance in the light of recent crises in major microfinance markets. **Social Business**, v. 3, n. 3, p. 243–249, 31 out. 2013.
18. GUTIÉRREZ-NIETO, B.; SERRANO-CINCA, C. 20 years of research in microfinance: An information management approach. **International Journal of Information Management**, v. 47, p. 183–197, 1 ago. 2019.
19. AGHION, A. MORDUCH, J: **The Economics of Microfinance**. 2nd edn. MIT PRESS, Cambridge. 2005.
20. World Bank. Finance for All? Policies and Pitfalls in Expanding Access. **World Bank Policy Research Report**, August. Washington, DC, World Bank. 2007.
21. ANDION, C.; ALPERSTEDT, G.; GRAEFF, J.: Social innovation ecosystems, sustainability, and democratic experimentation: a study in Florianopolis, Brazil. **Revista de Administração Pública**, v. 54, n.1, p.181-200. 2020.
22. TRANFIELD, D.; DENYER, D.; SMART, P. Towards a Methodology for Developing Evidence-Informed Management Knowledge by Means of Systematic Review. **British Journal of Management**, v. 14, n. 3, p. 207–222, set. 2003.
23. Prisma 2020 Checklist, **homepage**. Disponível em: <https://prisma-statement.org>, Acesso em: 20 jun 2022.
24. GARFIELD, E. “Science Citation Index”—A New Dimension in Indexing. *Science*, v. 144, n. 3619, p. 649–654, 8 maio 1964.
25. ISKANDAR, Y. et al. Bibliometric Analysis on Social Entrepreneurship Specialized Journals. **WSEAS TRANSACTIONS ON ENVIRONMENT AND DEVELOPMENT**, v. 17, p. 941–951, 2 set. 2021.
26. BIRKLE, C. et al. Web of Science as a data source for research on scientific and scholarly activity. **Quantitative Science Studies**, v. 1, n. 1, p. 363–376, fev. 2020.

27. STAHLSCHMIDT, S.; STEPHEN, D.: Comparison of Web of Science, Scopus and Dimensions databases. **German Centre for Higher Education Research and Science Studies**, Alemanha. 2020.
28. VASCONCELLOS, E. F.; LESO, B. H.; CORTIMIGLIA, M. N. Challenges and opportunities for social entrepreneurs in civil engineering in Brazil. *International Journal of Organizational Analysis*. **International Journal of Organizational Analysis**, v. 30, n.3, p. 638-651. 8 abr. 2021.
29. MATHIAS, A.; SANTOS, P.: Investimento social privado e negócios de impacto: possibilidades de apoio ao setor de impacto no Brasil. **Gife**, v.1, n.1. 2019.
30. PURKAYASTHA, D.; TRIPATHY, T.; DAS, B. Understanding the ecosystem of microfinance institutions in India. **Social Enterprise Journal**, v. ahead-of-print, n. ahead-of-print, 28 fev. 2020.
31. WRY, T.; ZHAO, E. Y. Taking Trade-offs Seriously: Examining the Contextually Contingent Relationship Between Social Outreach Intensity and Financial Sustainability in Global Microfinance. **Organization Science**, v. 29, n. 3, p. 507–528, jun. 2018.
32. LABIE, M.; LAURETI, C.; SZAFARZ, A. Discipline and flexibility: a behavioural perspective on microfinance product design. **Oxford Development Studies**, v. 45, n. 3, p. 321–337, 3 out. 2017.
33. COZARENCO, A.; HUDON, M.; SZAFARZ, A. What type of microfinance institutions supply savings products? Suiça: **Economics Letters**, v. 140, p. 57–59, mar. 2016.
34. JIA, X. Priming the pump of impact entrepreneurship and social finance in China. **Agriculture and Human Values**, v. 37, n. 4, p. 1293–1311, 22 jul. 2020.
35. D’ESPALLIER, B. et al. From NGOs to Banks: Does Institutional Transformation Alter the Business Model of Microfinance Institutions? **World Development**, v. 89, p. 19–33, jan. 2017.
36. NGOASONG, M. Z.; KIMBU, A. N. Informal microfinance institutions and development-led tourism entrepreneurship. **Tourism Management**, v. 52, p. 430–439, fev. 2016.
37. AGRAWAL; HOCKERTS. Impact Investing Strategy: Managing Conflicts between Impact Investor and Investee Social Enterprise. **Sustainability**, v. 11, n. 15, p. 4117, 30 jul. 2019.
38. YASAR, B.: Impact investing: A review of the current state and opportunities for development.Turquia: **Istanbul Business Research**. 2021.
39. FAUZIAH, N. N. Developing Cash Waqf Model as an Alternative Financing for Social Enterprises to Support Decent Work and Economic Growth in Indonesia. **Turkish Journal of Islamic Economics**, v. 8, n. Special Issue, p. 195–217, 15 jun. 2021.
40. GARIKIPATI, S. *et al.* Microfinance and Gender: Issues, Challenges and The Road Ahead. **The Journal of Development Studies**, v. 53, n. 5, p. 641–648, 21 set. 2017.
41. MAGOMEDOVA, N; *et al.* Innovation applied to facing of enterprises social economy. A case of impact investment. Espanha: Ciriec-Espana **Revista De Economia Publica Social Y Cooperativa**. 2020.

42. SONNE, L. Innovative initiatives supporting inclusive innovation in India: Social business incubation and micro venture capital. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 79, n. 4, p. 638–647, maio 2012.
43. RIDLEY-DUFF, R.; BULL, M. Common pool resource institutions: The rise of internet platforms in the social solidarity economy. **Business Strategy and the Environment**, 6 jan. 2021.
44. COZARENCO, A.; SZAFARZ, A. Gender Biases in Bank Lending: Lessons from Microcredit in France. **Journal of Business Ethics**, v. 147, n. 3, p. 631–650, 26 nov. 2018.
45. MURTAGH, B. Ageing and the social economy. **Social Enterprise Journal**, v. 13, n. 3, p. 216–233, 7 ago. 2017.
46. DORADO, S. et al. Attuned HRM Systems for Social Enterprises. **Journal of Business Ethics**, 27 abr. 2021.
47. ELANGO, B.; CHEN, S.; JONES, J. Sticking to the social mission: Microinsurance in bottom of the pyramid markets. **Journal of General Management**, v. 44, n. 4, p. 209–219, 25 jun. 2019.
48. MISHRA, O. Principles of frugal innovation and its application by social entrepreneurs in times of adversity: an inductive single-case approach. **Journal of Entrepreneurship in Emerging Economies**, v. 13, n. 4, p. 547–574, 13 jul. 2021.
49. ABATE, GT; et al. Rural Finance and Agricultural Technology Adoption in Ethiopia: Does the Institutional Design of Lending Organizations Matter?. Inglaterra: **World Development**. 2016.
50. SINGH, S.; MITTAL, S.; AWASTHI, A. Astitva: An Unsustainable Social Entrepreneurship Journey. **South Asian Journal of Business and Management Cases**, v. 10, n. 1, p. 121–136, abr. 2021.
51. PAVLOV, R. Identifying and overcoming the barriers which hamper the development of social entrepreneurship. Russia: **Proceedings Of The European Conference On Innovation And Entrepreneurship**, Ecie. 2020.
52. MEHRA A., SATIJA S., O'NEILL J. Prayana: A journey towards financial inclusion". India: **Acm International Conference Proceeding Series**. 2017.
53. SIQUEIRA, A. C. O. et al. Innovation Ecosystems in Brazil: Promoting Social Entrepreneurship and Sustainability. **Emerging Research Directions in Social Entrepreneurship**, p. 127–142, 2014.
54. SIQUEIRA, A. C. O.; MARIANO, S. R. H.; MORAES, J. Supporting Innovation Ecosystems with Microfinance: Evidence from Brazil and Implications for Social Entrepreneurship. **Journal of Social Entrepreneurship**, v. 5, n. 3, p. 318–338, 19 jun. 2014.
55. LOEFFLER, M. The Holistic Social Business Movement in Caldas (HSBM), Colombia. **Social Business**, p. 45–61, 2014.
56. JOURNAL of citation reports. Philadelphia: **Institute for Scientific Information**, 1998.